

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC

CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

GABRIELA CANCELLIER

**UMA REFLEXÃO SOBRE O ESPORTE E HEGEMONIA NAS AULAS
DE EDUCAÇÃO FÍSICA CONTEMPORÂNEA**

CRICIÚMA, JULHO DE 2012

GABRIELA CANCELLIER

**UMA REFLEXÃO SOBRE O ESPORTE E HEGEMONIA NAS AULAS
DE EDUCAÇÃO FÍSICA CONTEMPORÂNEA**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de licenciatura no curso de Educação Física da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientador: Prof. Iruan Teixeira

CRICIÚMA, JULHO DE 2012

GABRIELA CANCELLIER

**UMA REFLEXÃO SOBRE O ESPORTE E HEGEMONIA NAS AULAS
DE EDUCAÇÃO FÍSICA CONTEMPORÂNEA**

BANCA EXAMINADORA

Profº. Iruan Teixeira - Especialista - UNESC - Orientador

Profª. Neide Inês Ghellere de Luca - Mestre -UNESC

Profª. Kellen Bertan - Especialista - UNESC

**Dedico este trabalho aos meus pais Hamilton e Fátima,
ao meu namorado, aos meus amigos e
todos os educadores que passaram
pela minha vida.**

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus sempre, por cada batalha enfrentada, cada vitória conquistada e por estar aqui mais um dia e ser o que sou hoje.

À toda a minha família, especialmente meus pais Hamilton e Fátima pela honestidade e generosidade, por me ensinar a ser digna e por me proporcionarem os estudos, que é a base do saber.

Ao meu namorado Wagner, por toda paciência, carinho, amor. Que quando mais precisei me deu forças para não desistir dos meus objetivos.

Aos meus amigos e colegas, que sempre estiveram do meu lado apoiando e ajudando neste momento e em outros que tanto precisei.

À minha banca, professora Neide e professora Kellen, por terem aceitado meu convite com muito carinho.

Aos meus professores, que foram os principais responsáveis pela minha formação acadêmica, especialmente agradeço ao meu orientador Iruan Teixeira por todo carinho, dedicação, paciência, sabedoria e contribuição para a concretização deste trabalho.

Por fim, a todos que contribuíram de alguma forma neste momento tão especial da minha vida.

“Todos os homens do mundo na medida em que se unem entre si em sociedade, trabalham, lutam e melhoram a si mesmos”

Antônio Gramsci

RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso tem como tema: Uma reflexão sobre o Esporte e Hegemonia nas aulas de Educação Física contemporânea, justifica-se pela observação informal de que os profissionais de Educação Física estão optando majoritariamente, pelos esportes hegemônicos como conteúdos a serem trabalhados em suas aulas. Como problema apresenta: que processos históricos fundamentam a relação de esporte e hegemonia que influenciam os profissionais de Educação Física a utilizarem os esportes hegemônicos em suas aulas na escola? O objetivo geral: refletir os motivos, estabelecidos num processo histórico-cultural, que fazem dos esportes hegemônicos um dos conteúdos mais utilizados pelos profissionais de Educação Física na escola contemporânea. Como objetivo específico temos: apontar a herança cultural como fator de influência nas decisões dos profissionais de Educação Física ao adotarem os esportes hegemônicos como seus conteúdos principais. A pesquisa foi do tipo bibliográfica que de acordo com Turtelli (2003), tem como base o estudo de livros, de artigos especializados, de dissertações e de teses, o que possibilitou o acesso e a manipulação de informações relevantes para a reflexão deste trabalho. Como questões norteadoras tivemos os conceitos e as influências culturais de esporte e da hegemonia, passando pelas tendências pedagógicas como forma de justificar o pensamento hegemônico através dos tempos. Para elaboração deste trabalho foram consultadas bibliografias como Bratch, Darido, Ghiraldelli, Gramsci, Oliveira, dentre outros. Contudo a conclusão que se chega é que existe uma necessidade muito grande em se resgatar a cultura corporal, para que ao lado do esporte, caminhem junto à ginástica, a dança, as lutas, e que possam ter espaço para se aproximar no contexto das crianças e dos jovens para que eles tomem conhecimento, fazendo modificações, problematizá-las e para desenvolver da melhor maneira e que a reiventação do esporte na escola nas aulas de Educação Física deverá se desenvolver no sentido de estar ligado a classe trabalhadora por uma sociedade justa e igualitária, buscando difundir outros significativos e valores.

Palavras-chave: Educação Física, Esporte, Hegemonia.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

UNESC – Universidade do Extremo Sul Catarinense

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 O QUE É ESPORTE	10
2.1 A Importância do Esporte na cultura corporal	13
2.1.2 O esporte sob o olhar sociológico	13
3 HEGEMONIA	17
3.1 A Hegemonia na Educação.....	18
3.2 Hegemonia e Educação Física.....	19
3.3 Esporte e Hegemonia.....	19
3.4 Esporte como conteúdo Hegemônico	23
4 AS INFLUÊNCIAS HEGEMÔNICAS NA FORMAÇÃO PROFISSIONAL	25
4.1 Teorias Pedagógicas da Educação Física	27
4.1.1 Tradicional – Científica.....	27
4.1.2 Educação Física Higienista	29
4.1.3 Educação Física Militarista.....	29
4.1.4 Educação Física Pedagogicista	30
4.1.5 Educação Física Competitivista	30
4.1.6 Educação Física Popular.....	30
4.1.7 Pedagogia Crítico – Emancipatória	31
4.1.8 Pedagogia Crítico- Superadora	32
4.2 Consideração Finais sobre as Abordagens.....	37
5 REFLETINDO A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR	38
6 CONCLUSÃO	40
REFERÊNCIAS	42

1 INTRODUÇÃO

Pensando a Educação Física como disciplina de fundamental importância na medida em que se trabalha o indivíduo como um ser corpóreo, via movimento intencional, visando à formação do homem, cidadão crítico, participativo e transformador, ao mesmo tempo em que atende as necessidades sócio-psicológicas de seus alunos, mantendo-se, portanto, atenta ao grau de melhorias e renovações positivas referentes à qualidade de vida daqueles a que atende o trabalho a seguir busca fazer uma reflexão sobre esporte e hegemonia nas aulas de Educação Física contemporânea. Justifica-se pela observação de que muitos dos profissionais de educação física optam, na grande maioria das vezes, por trabalharem seus conteúdos baseados nos esportes hegemônicos.

De acordo com Bracht (1992) as aulas de Educação Física, de modo geral, os professores sentem-se motivados ou desmotivados em função do sentido do que precisam realizar, ou seja, as suas aulas não estão sendo compatíveis com a nova realidade do jovem e da sociedade.

Levando em conta a falta de interesse dos professores de Educação Física apontado pelo autor, percebe-se a relevância de refletir as possibilidades que possam contribuir para mudar este quadro.

Partindo desta realidade temos o seguinte tema: Uma reflexão sobre Esporte e Hegemonia nas aulas de Educação Física contemporânea.

Deste modo questiona-se: que processos históricos fundamentam a relação de esporte e hegemonia que influenciam os profissionais de Educação Física a utilizarem os esportes hegemônicos em suas aulas na escola? O trabalho traz como objetivo geral, refletir os motivos, estabelecidos num processo histórico-cultural, que fazem dos esportes hegemônicos um dos conteúdos mais utilizados pelos profissionais de Educação Física na escola contemporânea. Apresenta como objetivo específico, a herança cultural como fator de influência nas decisões dos profissionais de Educação Física ao adotarem os esportes hegemônicos como seus conteúdos principais.

Segundo Turtelli (2003), o presente estudo corresponde à pesquisa do tipo bibliográfica. Dessa forma, a base desta pesquisa consistiu no estudo de livros, de artigos especializados, de dissertações e de teses, o que possibilitou o acesso e a manipulação de informações relevantes para a reflexão deste trabalho.

2 O QUE É ESPORTE

Para o fenômeno esportivo podemos relacionar dois conceitos, de forma idêntica a que Bracht (1992) se referiu à Educação Física, ou seja, um conceito amplo e um restrito. O esporte, analisado no seu sentido social, pode ser compreendido de forma exatamente contrária, ou seja, o conceito hegemônico é o restrito e o não amplo.

O conceito de Esporte para Bracht (1992) que se vincula à Educação Física é um conceito restrito, pois se refere apenas ao esporte que tem como conteúdo o treino, a competição, o atleta de rendimento esportivo, este aliás, é o conceito estrito do esporte que aqui considerado.

Isso fica reforçado através, especialmente, dos meios de comunicação, que colocam sempre o "esporte espetáculo" no centro de suas programações esportivas, o que acelera, também o processo de transformação do esporte espetáculo em mercadoria.

As aulas de Educação Física, através de difusão dos padrões esportivos desse modelo, passa a ser mais um mero agente de propaganda e incentivo ao consumo, não só de esporte, mas de tudo que ele se relaciona.

Bracht (1992) define a Educação Física no sentido restrito como a abrangência de atividades pedagógicas que tem como o tema o movimento corporal e acontece na instituição educacional. No sentido amplo como todas as manifestações culturais ligadas a ludomotricidade humana, ou seja, o conjunto de atividades do movimento que envolve toda a cultura de movimento.

Souza (1993) garante que a influência do esporte enquanto fetiche de mercadoria, na Educação Física se manifesta de três formas: a) a ampliação do consumo de mercadoria esporte espetáculo e de outras mercadorias paralelas. b) a ampliação das possibilidades de descoberta de valores (novos esportistas) e por último mas não menos importante, c) a propagação de valores e normas de comportamento relativos ao mundo das mercadorias.

O conceito de esporte enquanto mundo vivido, no entanto, implica em um problema terminológico. Ou seja, os estudos existentes sobre o tema esporte referem-se sempre ao esporte enquanto conceito restrito. E com relação ao conceito amplo do esporte, talvez as expressões cultura do movimento, mundo do movimento ou até mesmo atividades lúdicas, fosse mais exatas. Mas, o esporte analisado sob a

perspectiva pedagógica, para um ensino crítico-emancipatório, deve fornecer uma compreensão muito mais ampla, uma compreensão enquanto fenômeno sociocultural e histórico, o que faz refletir sobre todas estas manifestações que deram origem a muitas modalidades esportivas e continuam a influenciar estilos e formas de atuar no esporte de acordo com a característica cultural que o movimento humano assume em determinados contextos.

Portanto, com interesse pedagógico da Educação Física pelos esportes, o objeto deveria se concentrar mais sobre todas as formas de manifestação humana e de forma contextualizada, em que ser humano e movimento são relevantes tanto ao agir e pensar como para as relações entre os próprios homens.

De acordo com Bracht (1992) o objeto da pedagogia da Educação Física e dos esportes, assim, se estende ao se-movimentar do homem, o que não implica num homem abstrato, mas no homem que tem história, que tem contexto, que tem vida, que tem classe social, enfim um homem com inerente necessidade de se-movimentar.

À três condições discutidas é possível definir esporte da seguinte maneira: “Esporte é uma atividade competitiva institucionalizada que envolve esforço físico vigoroso ou o uso de habilidades motoras relativamente complexas, por indivíduos, cuja participação é motivada por uma combinação de fatores intrínsecos e extrínsecos”. (BRACHT, 1992, p. 58)

Bracht (1992), avalia esta ou qualquer outra definição, no que deve ser lembrado que uma definição é somente um instrumento. Serve para especificar em algum nível de precisão, o significado subentendido por uma certa palavra. No caso, deverá haver ainda uma certa confusão em relação a precisa aplicação do termo esporte como foi definido. Esta definição proposta é do ponto de vista sociológico e se refere ao que é popularmente descrito como esporte organizado. Isto foi feito para distinguir o que acontece num recreio de escola com o que ocorre nos Jogos Olímpicos. Os eventos de corridas durante os Jogos estão claramente de acordo com a definição. Correr com os amigos sábado de manhã, certamente envolve esforço físico vigoroso, mas, não é uma forma de competição institucionalizada. Em vez de descrevermos tal atividade como esporte, seria mais apropriado chamá-la recreação. Recreação é uma atividade em sua maior parte engajada voluntariamente pela pessoa, diferente em caráter daquelas atividades que exercem pressão física ou mental sobre a pessoa na sua vida diária e que tem efeito de

“refrescar” a mente e o corpo. A recreação é mais relacionada com a brincadeira do que com o esporte, mas, ao contrário da brincadeira, é geralmente uma resposta às preocupações da vida e não totalmente sem relação com elas, ou seja, quase sempre o objetivo é se separar temporariamente das pressões e responsabilidades associadas com as posições ocupadas no dia-a-dia. Faz-se recreação para o alívio ou liberação, para uma re-criação do indivíduo em relação a fatores pessoais como as tensões emocionais, frustrações, estresses, etc.

Se um corredor desafiar outro corredor para uma corrida, essa corrida se torna uma forma de competição ou contenda. Ela é competitiva, mas se desenvolve de uma maneira mais ou menos informal. Somente quando os dois corredores seguirem as regras formalizadas e se confrontarem sob as condições padronizadas podemos dizer que estão praticando esporte, de acordo com nossa definição.

Muitos podem argüir que esta definição exclui muito daquilo que o povo e a imprensa costuma chamar de esporte. Este argumento é legítimo, não é necessário alterar seu conceito de esporte quando você conversa com seus amigos ou lê alguma revista esportiva. Contudo quando se discute coisas tais como: se o esporte é relacionado à agressão; se a participação esportiva afeta as crianças e jovens; se o esporte deve ser patrocinado por empresas estatais ou se as pessoas de classes sociais mais baixas têm mobilidade social através do esporte, é necessário ser capaz de expressar o que você entende por esporte.

Para Bracht (1992), a descrição e explicação científica exigem precisão. Isto é necessário tanto para assuntos de relevância prática ou teórica. Claro que nem todos podem concordar com esta definição, mas ela nos permite distinguir o esporte da brincadeira, recreação, disputa ou espetáculo e permite estudá-lo em seus relacionamentos com outras partes importantes da vida social. O esporte é um fenômeno cultural e social que influencia e sofre influência da sociedade e muitas vezes seus problemas são os mesmos da própria sociedade. Cada vez mais o esporte se torna parte do nosso mundo social. Ele se relaciona com a vida familiar, com a educação, política, economia, artes e religião.

Com maior entendimento é possível mudá-lo de forma que mais pessoas se beneficiem das coisas positivas que ele tem a oferecer.

2.1 A IMPORTÂNCIA DO ESPORTE NA CULTURA CORPORAL

2.1.2 O esporte sob o olhar sociológico

Para Bracht (2003), o esporte tornou-se a expressão hegemônica da cultura corporal de movimento, pois, de uma forma ou outra, faz parte da vida da maioria das pessoas em todo o mundo atualmente. Esse crescimento vertiginoso que disseminou-se mundo a fora, ao mesmo tempo e tal como ocorre com o capitalismo, chega a um ponto em que suscita questionamentos e dúvidas em relação à prática esportiva, o que ocorrerá principalmente no meio acadêmico.

O que o autor faz é um verdadeiro apanhado de teorias que procuram responder os grandes impasses em torno do fenômeno esportivo. Nessa linha, Bracht elucida, ainda que resumidamente, as principais vertentes crítico-filosóficas passíveis de se transpor a uma análise teórica do esporte, propondo aqui uma crítica da crítica, relacionando vários autores com diferentes expectativas, contribuindo no sentido de avançar o entendimento do esporte tangente à sua função na sociedade e seu significado humano.

Antes, o autor faz uma breve reconstrução histórica do esporte moderno, surgido no âmbito da cultura européia (sobretudo na Inglaterra) em torno do século XVIII, quando o processo de industrialização, urbanização e tecnologização transforma o cotidiano, com o qual os jogos populares, que até então estavam relacionados a festas de colheita ou religião, não serão mais compatíveis. As práticas corporais ficam mais restritas às escolas públicas, onde sofrem progressiva sistematização, regulamentação, e desenvolvem-se com a expansão do ensino público, surgindo às competições escolares locais, regionais, o que, segundo Bracht, caracteriza-se numa descontinuidade, uma ruptura histórica – embora não total – que mudará a essência da prática esportiva, perdendo seu aspecto lúdico e dando ênfase à competitividade. Dessa forma, Bracht (1992) opõe-se a alguns autores que tratam o esporte moderno sendo um fruto do processo linear de desenvolvimento desde as práticas antigas, não vendo nenhuma forma de ruptura com seus significados essenciais.

O esporte moderno passou a ganhar espaço em alguns estudos sócio-filosóficos, mas é a partir dos anos 60 que o fenômeno esportivo será tratado de forma sistematizada. Bracht (2003), expõe as análises críticas mais significativas:

- A tese do marxismo ortodoxo, baseada no materialismo histórico, que aborda o esporte enquanto reproduzidor da força de trabalho;
- A tese do marxismo pela vertente gramsciana, que trabalha com a questão da hegemonia, que para Gramsci é a cultura numa sociedade de classes, onde a classe hegemônica consegue articular sua dominação e o esporte é um elemento dessa dominação, mas também pode ser um símbolo de resistência cultural ou política.
- De orientação frankfurtiana (teoria crítica), que entende o esporte como sendo um sistema de ação coisificado e em conformidade com o trabalho, um instrumento de repressão das necessidades, de manipulação e adaptação à sua condição, em troca da socialização que ele proporciona.
- De fundamentação em Michel Foucault, para a qual o esporte é visto como uma instituição disciplinadora e controladora do corpo, que pode ser de forma negativa (no sentido de reprimir) ou positiva (no sentido de manipular e estimular).
- O esporte enquanto reprodução cultural, embasado em Bourdieu, que observa o campo da prática esportiva como um campo de luta simbólica pela legitimidade/monopólio, seja entre o amador x profissional, esporte distintivo (da elite) x esporte popular, esporte participativo x esporte espetáculo; a prática esportiva, portanto, é vista como parte do processo de reprodução das diferenças de classes.

Durante a exposição, ele vai colocando perguntas, não com a intenção de dar uma resposta, mas antes, de desenvolver um debate: serve o esporte como reforço da hegemonia das classes dominantes ou é antes um espaço de articulação contra-hegemônica? é o esporte reflexo das relações sociais coisificadas ou, então, um espaço de auto-realização criadora do indivíduo? Elemento da cultura industrial que transforma os indivíduos em objetos consumidores ou espaço para a criação cultural? controle e repressão erótica do corpo ou revalorização da sensibilidade?

É de muita importância, também, a análise a respeito da relação entre o esporte e a influência do Estado, a que Bracht dedica dois capítulos, "Esporte e

Estado”, e “Estado, Esporte e Cultura”. Ele afirma que tal ligação depende do tipo de relação existente entre a sociedade civil e o Estado. O esporte seria uma via de promoção da reprodução da força de trabalho, ou teria um efeito estabilizador, atenuando tensões sociais, além da sua potencial instrumentalização política, o que o torna uma peça importante no controle do Estado, que privilegia a prática esportiva de alto rendimento. O Estado interage com as organizações esportivas, que muitas vezes são dependentes de seus investimentos, havendo uma situação de troca: com dinheiro, a organização esportiva estrutura-se para “fabricar” atletas de alto rendimento e trazer, com eles, o prestígio de repercussão nacional e internacional, além de legitimação política e o senso nacionalista, como servindo de um “remédio” eficaz para desviar-se o foco dos problemas sociais internos. Então, é observável que o esporte de competição torna-se hegemônico na cultura corporal, enquanto o esporte-lazer fica em segundo plano.

A idéia do Estado de desenvolver o esporte entre a população, devido a motivos de higiene, saúde, a fim de diminuir os índices de doenças e diminuir, assim, os gastos públicos (sendo esse, inclusive, o discurso legitimador do esporte enquanto instituição, discussão que toma um dos capítulos), passa pela concepção de que para se incentivar essa prática, faz-se necessário a “produção” de ídolos; o esporte-lazer tende, conseqüentemente, a uma imitação do esporte-rendimento, tão vinculado pela mídia. É por isso que Bracht (2003), capta a questão do consumo do esporte, que volta a população para a simples reprodução desse esporte-espetáculo (o que Bracht percebe como um problema de saúde pública, atestado nos noticiários pelos incidentes de morte de atletas em plena ação de jogo, devido aos excessos físicos), ao invés de recriá-lo. Nesse contexto, ele questiona: “Devemos festejar e desejar a ampliação da prática e consumo do esporte como acesso a um importante produto social e, na ótica liberal, encara a ‘cultura de massas’ como expressão da democracia cultural criada/propiciada pelos meios de comunicação, símbolos vivos da liberdade do pensamento e expressão, ou dela desconfiar, suspeitando da manipulação de necessidades, de desejos da subjetividade, enfim, do indivíduo?”.

O esporte moderno, cada vez mais, perde as características do jogo estabelecida por Huizinga (1980), que já em 1938, detectava este problema: “a sistematização e regulamentação cada vez maior do esporte implica a perda de uma parte das características lúdicas mais puras”.

Segundo Cagigal (1979) afirma que o esporte será tanto mais educativo quanto mais conservar sua qualidade lúdica, sua espontaneidade e seu poder de iniciativa. Porque o esporte super- classificado, levado a extremos pelo fato do tecnicismo, moldado e estereotipado, não é o mais educativo. O movimento estereotipado, o gesto típico, a precisão biomecânica dos exercícios graças aos quais se obtiveram recordes surpreendentes, harmonizam-se dificilmente com a riqueza do movimento humano, com a expressividade pessoal do gesto e com a rica dimensão do comportamento do exercício físico. Para este autor, o excesso de técnicas ou o condicionamento da técnica numa atividade cujo maior valor reside na espontaneidade lúdica, no poder da expressividade da criatividade, da afirmação da pessoa e do grupo, pode anulá-la. O excesso de aprendizagem de modelos, de taxionomias e o super- tecnicismo são os perigos mais graves do esporte educativo de nosso tempo.

Penso que o esporte na escola deva preservar ou recuperar o caráter lúdico, devendo, portanto, estar à ação pedagógica voltada para tal.

3 HEGEMONIA

Dessa forma a palavra Hegemonia para Gramsci (1989) derivada de uma verbo, que quer dizer: guiar, conduzir, mandar, governar, ser chefe. Deste mesmo verbo deriva o substantivo, que significa a ação de ir à frente, ser guia ou condutor. Uma outra provável raiz da palavra é o verbo que significa, conduzir, ser líder, ser guia, general. A mitologia grega também confirma este significado etimológico, ao atribuir o título (palavra grega), ou condutora suprema, a Ártemis- Diana para os romanos, a Deusa da caça e das florestas, representada sob um aspecto rude e bravo de personalidade vingativa e poderosa. Primeira a ser invocada, por deter uma posições de precedência sobre os outros deuses, equipara-se a sua correspondente romana, a deusa do Sol, também a primeira a ser invocada, por presidir as portas e os caminhos e por exercer o poder nos céus e na terra.

A hegemonia, portanto, desde as suas origens até nossos dias, implica poder-direção ou dominação- consenso. Assim é que aparecem, permanecem e se estratificam estes dois elementos encontrados desde o início, diversificados em vários outros sinônimos. Dominar é igualmente governar, ser chefe, mandar. Por outro lado, dirigir equivale a guiar, conduzir, ser líder. É porém, na união destes dois elementos que se deverá buscar um conceito pleno para a hegemonia.

O socialismo é, para Gramsci, o único ideal que poderá tornar cidadãos todos os italianos que vivem agora dos seus pequenos interesses pessoais. Acena-se, aí, para a noção de hegemonia da nação italiana através do saber, da cultura levada a todos os níveis sociais, ao contrário do analfabetismo atual, conseqüência da prepotência e do obscurantismo ditatorial, cuja herança mais perniciosa é o fascismo.

Pode-se afirmar, portanto, que nas primeiras reflexões gramscianas já se encontra o conceito de hegemonia, manifesto implicitamente pela necessidade histórica atribuída à classe proletária de se tornar dominante e dirigente. Afirmado de várias maneiras, isso só tem um objetivo em Gramsci: dominar sem violência, mas com consenso, nos campos político, cultural, moral e até lingüístico.

Em Gramsci (1989), o conceito de hegemonia é apresentado em toda sua plenitude, isto é, como uma ação que atinge não apenas a estrutura econômica e a organização política da sociedade, mas também age sobre o modo de pensar, de conhecer e sobre as orientações ideológicas e culturais. É neste sentido que as

relações hegemônicas são pedagógicas e, como a realização da tarefa pedagógica implica a compreensão das contradições para transformá-las em uma concepção do mundo unitária e coerente, as relações pedagógicas são igualmente hegemônicas. Neste contexto, a educação sai também renovada por uma nova relação que mantém organicamente como hegemônica.

3.1 A Hegemonia na Educação

A temática pedagógica ocupa indiscutivelmente um lugar central na prática e no pensamento gramscianos, emergindo a educação como instrumento necessário à luta entre as classes sociais pelo exercício do poder, ou pela hegemonia. O conceito de educação está vinculado organicamente ao de hegemonia e é fator importantíssimo para a compreensão e a solução das contradições existentes nas relações de classes. Não existe uma educação neutra no sentido de ser completamente desvinculada dos fatores ideológicos pertencentes de uma classe, mas o que a análise gramsciana quer acentuar é o modo como processo educativo utilizado pelas classes fundamentais, isto é, a dos dominantes e dos dominados.

O papel que a educação desempenha tanto na hegemonia, como na contra-hegemonia, visa as relações sociais, que incluem o homem, cujo objetivo é modificar ou manter uma estrutura social. O conceito de homem, não é um conceito abstrato em Gramsci, mas pelo contrário, é um conceito histórico, concreto. Trata-se mais de saber como o homem é produzido, do que saber o que ele é, sendo neste sentido, concebido como uma série de relações ativas no qual, se a individualidade tem a máxima importância, não é toda via, o único elemento a ser considerado. A humanidade que se reflete em cada individualidade é composta por diversos elementos; o indivíduo, os outros homens, a natureza. O homem historicamente, entra em relação com os demais homens e com a natureza, podendo, a partir desta relação, produzir e transformar bens a nível de estrutura, ou de superestrutura, necessitando do curso da educação. Devido porém à unidade orgânica entre os elementos desta relação, a modificação do homem se dá na medida em que se modifica o conjunto das relações do qual ele é o ponto central, podendo-se afirmar que ele “educa se educando”.

3.2 Hegemonia e Educação Física

Nos capítulos anteriores, abordei a Educação Física e a relação do esporte no âmbito do histórico cultural. Verificou-se que o esporte está impregnado de valores da classe que mantém a hegemonia. Estes valores da competitividade, da eficácia, do consumismo e da seleção, são valores básicos do esporte de rendimento.

Outra questão discutida anteriormente, trata da crescente entrada do esporte no Brasil na década de 40. Este crescimento deve-se a uma expansão dos meios de comunicação de massa no país, sendo que o esporte já estava incorporado pela indústria cultural. Esta crescente esportivização pela qual passava o país e a falta de legitimidade por parte da Educação Física, que fez com que o esporte de rendimento, cada vez entrasse na Educação Física como seu conteúdo hegemônico.

Freitas (1991), observou que o esporte tem sido legitimado cada vez mais como o principal conteúdo presente na Educação Física, e também a grande infiltração do esporte em nível mundial através da mídia, no que contribui para a hegemonia esportiva encontrada nas aulas de Educação Física.

O esporte caracteriza-se também da forma que é empregado na escola como esporte por esporte, esquecendo - se das práticas lúdicas que na opinião do autor é o objetivo de tal disciplina. O esporte por sua vez veicula a ideologia do dominante, ressaltando o rendimento que está ligado onde o professor é entendido como treinador e o aluno como praticante, fazendo a prática pela prática.

Obviamente esse contexto está sendo combatido com as mudanças dos currículos de graduação atuais, onde há uma preocupação de formar profissionais críticos e empenhados em mudar este quadro. As concepções críticas tomaram conta das Universidades de Educação Física que discutem esses conhecimentos para comprovarem a sua eficácia nas aulas de Educação Física. Nos próximos capítulos o trabalho apresenta as concepções que influenciaram as tendências da Educação Física contemporânea.

3.3 Esporte e Hegemonia

Uma outra vertente da sociologia crítica do esporte é aquela que se vale das análises ou da vertente gramsciana do marxismo, ou do marxismo que se desenvolveu na estréia das obras de A. Gramsci. Destacam-se como autores mais

importantes Hargreaves (1982), Gruneau (1983) e Whitson (1993) e Manhães (1986). O estudioso do lazer N. C. Marcellino (1983) também poderia ser enquadrado dentro desta perspectiva, embora seu tema não seja especificamente o esporte.

Como bem lembra Hargreaves (1982), o paradigma predominante na sociologia do esporte, em função de sua orientação funcionalista, tem salientado a função integrativa do elemento cultural do esporte. A influência do poder de classe é subestimado neste paradigma teórico, e assim sendo, o espaço para a discussão do problema da relação da cultura com o que Gramsci chama de Hegemonia, e o papel do esporte nesta relação, é muito reduzido.

O conceito central em Gramsci para a discussão é o de hegemonia. Segundo Chauí (1986, p.21), a novidade gramsciana consiste em considerar que o conceito de hegemonia inclui o de cultura como processo social global que constitui a “visão do mundo” de uma sociedade e de uma época, e que o conceito de ideologia como sistema de representações, normas e valores da classe dominante que ocultam a sua particularidade numa universalidade abstrata. Todavia, o conceito de hegemonia ultrapassa aqueles dois conceitos: ultrapassa o de cultura porque indaga sobre as relações de poder e alcança a origem do fenômeno de obediência e da subordinação: ultrapassa o conceito de ideologia porque envolve todo o processo social vivo percebendo-o como práxis, isto é, as representações, as normas e valores são práticas sociais e se organizam como e através de práticas sociais dominantes e determinadas. Pode-se dizer que Gramsci, a hegemonia é, a cultura numa sociedade de classes.

A hegemonia portanto, não pode ser entendida como uma estrutura estática. Segundo Williams (apud Chauí, 1986, p.22), na prática, a hegemonia nunca pode ser singular. Suas estruturas concretas são altamente complexas e sobretudo não existe apenas passivamente na forma de dominação. Deve ser continuamente renovada, recriada, definida, modificada e é continuamente resistida, limitada, alterada, desafiada por pressões que não são suas. Nesse sentido, devemos acrescentar ao conceito de Hegemonia os conceitos contra- hegemonia e hegemonia alternativa, que são elementos reais e persistentes da prática.

Segundo Laclau (1979, p. 168), “uma classe hegemônica não tanto na medida em que é capaz de impor uma concepção uniforme do mundo ao resto da

sociedade, mas na medida em que consiga articular diferentes visões de mundo de forma tal eu seu antagonismo potencial seja neutralizado”.

O conceito de Hegemonia permite, portanto entender o esporte não só como elemento de dominação, mas, também, como resistência cultural e resistência política. Nesta concepção são negadas de certa forma, uma estrutura, bem como, uma visão totalizante do mundo cultural (vítima da indústria cultural) como a de Adorno e Horkheimer, em favor de uma concepção de cultura onde se trava a luta pela hegemonia.

A compreensão do processo de Hegemonia no Brasil, passa em dúvida, pela compreensão dinâmica da produção de consumo da cultura. Oliven (1983, p.61-62) sugere, para tanto, examinar manifestações culturais que ocorrem no Brasil, verificando:

- a) em primeiro lugar, em que grupo se originam e o que representam para eles;
- b) a seguir dever-se-ia analisar como são encaradas estas manifestações culturais pelo resto da sociedade e em que momento e por que motivos elas são apropriadas e reelaboradas por outros grupos;
- c) finalmente, seria preciso estudar os mecanismos através dos quais certas manifestações culturais estavam inicialmente restritas a determinadas classes sociais tornam-se uma prática disseminada em toda sociedade e são ressemantizadas e transformadas em símbolos nacionais, assumindo assim um caráter de identidade brasileira.

Neste contexto assume também a importância o que se tem chamado de cultura popular, não como oposta, distinta da cultura dominante ou elite, mas como uma atividade dispersa no interior da cultura dominante, uma mescla de conformismo e resistência.

Oliven (1993) lançou a hipótese da existência de pelo menos dois tipos de movimentos opostos entre a cultura popular e a cultura dita dominante:

- a) o primeiro ocorre quando as classes dominantes se apropriam, reelaboram e posteriormente transformam em símbolos nacionais manifestações culturais originalmente restritas às camadas populares e que freqüentemente eram reprimidas pelo Estado;

- b) o segundo movimento percorre uma trajetória inversa e ocorre quando as classes populares se apropriam, reelaboram e posteriormente transformam em símbolos nacionais manifestações culturais originalmente restritas às classes dominantes e que freqüentemente lhes conferiam uma marca de distinção.

Analisando como a cultura dominante se orienta em relação à cultura popular, Menezes (1980) sugeriu a existência de três momentos no processo de dominação cultural:

- a) no primeiro, o da *rejeição*, a cultura popular é vista como “delito” ou desordem e contra ela são acionados os aparelhos repressivos como por exemplo a política;
- b) no segundo, o da *domesticação*, o aparelho científico das classes dominantes é utilizado para separar os componentes da cultura popular considerados perigosos daqueles considerados apenas figurativos. Essa é a fase de dominação simbólica que se caracteriza pelos registros, conceptualizações, interpretações, teorias e modelos;
- c) no terceiro momento, o da *recuperação*, a ação simultânea dos aparelhos ideológicos e da indústria cultural transforma expressões culturais das classes dominadas em itens codificados de museus e exposições, em mercadorias exóticas para consumo turístico.

Acredita-se que a forma hegemônica da cultura corporal de movimento é o esporte. Isto é a forma da cultura corporal de movimento que é funcional para a atual Hegemonia. Para reforçar essa hipótese, em outros argumentos, indicar para a tendência da esportivização da cultura corporal de movimento. Outras razões seriam, por exemplo, a possibilidade de sua comercialização, seu caráter de espetáculo que acentua sua afinidade com os meios de comunicação de massa.

Se aceitar-mos essa hipótese, não é difícil analisar a história da capoeira a partir dos esquemas propostos por Oliven (1983) e Menezes (1980). Reprimida, tolerada, domesticada – ou em vias de esportivização. Também o futebol deixa-se analisar dentro deste quadro teórico: atividade da elite num primeiro momento, apropriado, resignificado e ressemantizado pelas camadas populares num segundo

e reapropriado num terceiro, transformando-se num símbolo nacional, incorporando-se ao que Chauí (1986) chamou de “a mitologia do verde-amarelo”. Do que a manipulação do futebol enquanto símbolo nacional, enquanto mito verde-amarelo pode significar em termos de dominação, tivemos uma amostra exemplar durante a Copa do Mundo de Futebol de 1970, durante a ditadura de Médici.

No entanto, uma avaliação da participação do fenômeno esportivo na construção e manutenção da hegemonia de classe dentro dessa perspectiva não permite uma conclusão fácil do tipo “o esporte reforça a hegemonia da classe dominante”, pois existem elementos indicando também o sentido da resistência.

3.4 Esporte como conteúdo Hegemônico

Dessa forma, a partir das análises da literatura referente à temática esporte na escola, bem como com a leitura sistemática das informações, elencam-se enquanto categorias o esporte como conteúdo hegemônico na escola, conjuntamente com o esporte na lógica do rendimento. A prática pedagógica nas aulas de educação física surge a partir da análise de bibliografias relacionada com a teoria a que nos aproximamos. Por fim, o que está acontecendo são os jogos competitivos escolares, que está elencado como categoria também, porém, com outro nome chamado de desfile de pobreza.

O esporte como conteúdo hegemônico nas aulas de Educação Física nas escolas tem sido características em diversos espaços de discussões, nas aulas da Universidade, em grupos de estudos, entre outros. Alguns autores também já fizeram esta afirmação Bracth (1992) e Betti (1991).

O consenso entre a relação com o esporte enquanto prioridade já acontece quando o professor busca a se apropriar de conhecimentos construídos pelo homem.

Ressalta-se que o esporte não tem autonomia, há uma busca desse consenso, dessa direção em relação à hegemonia enquanto conteúdo, isso tem motivos e interesses. Ao tornar-se conteúdo hegemônico, ele influencia a Educação Física, se sobrepondo a ela, como afirma Bracht: “o esporte se impõe à educação física, ou seja, instrumentaliza a Educação Física para o atingimento de objetivos que são definidos e próprios do sistema esportivo” (Bracth 2000). A construção dessa hegemonia frente à Educação Física foi feita, segundo Assis de Oliveira

(2005), após a 2ª Guerra Mundial, em que o esporte se afirma como elemento hegemônico da cultura corporal.

Trazendo esta discussão para os dias de hoje, percebe-se que o esporte está cada vez mais utilizado pelo Estado e pela classe dominante.

A estrutura da escola também contribui para a prática do esporte, por que na maioria das escolas os únicos materiais que fogem de uma lógica esportiva são os colchonetes, os bambolês, os cones. E os demais estão relacionados ao esporte, existem diversos tipos de bolas, redes de vôlei, entre outros.

Para Freitas (1991) a Educação Física e os esportes desempenharam a função, durante o período da ditadura militar, de cansar os indivíduos e tirá-los do foco de discussão política, que poderia vir a comprometer a ordem vigente. Para Cavalcanti (1984) o esporte desempenha a função de ocupar esse espaço cognitivo, afastando as pessoas das preocupações reais para engajá-las em pseudo-atividades sérias. Considerando uma droga, o esporte não enfraquece o indivíduo como as outras drogas, mas tem a mesma função: fuga e evasão das contingências sociais (1984, p.54).

Para os dias atuais, em que não vivemos tempos de coerção estatal tão intensa como a ditadura militar, percebemos que o esporte continua sendo utilizado pelo Estado e pela classe dominante. Podemos citar, como exemplo, a Copa do Mundo de Futebol de 1994, enquanto o mundo delirava com o futebol dos jogadores Romário e Bebeto pela seleção brasileira, Roberto Baggio e Maldini pela seleção italiana, Batistuta e Maradona pela seleção argentina, Mathaus e Klinsmann pela seleção alemã, Ruanda *ardia* em meio a uma guerra civil, em que mais de 800.000 pessoas foram assassinadas. Isso não significa dizer que é culpa do esporte, mas a população mundial estava entretida com o futebol naquele momento, e pouco espaço a mídia deu para esses fatos, no sentido de garantir uma intervenção que pudesse minimizar os efeitos dessa guerra.

4 AS INFLUÊNCIAS HEGEMÔNICAS NA FORMAÇÃO PROFISSIONAL

Nos estudos de Carmo (1982) e Costa (1984), constataram que nos cursos de licenciatura em Educação Física davam grande ênfase à formação esportiva mecanicista que na maioria das vezes desvinculada da realidade social. Desta forma na opinião dos pesquisadores a essência dos cursos atendiam a transmissão do conhecimento voltado para o capitalismo.

Do mesmo modo, Ferreira (1991), analisou através de entrevistas que alunos de Universidades têm consciências ingênuas da formação profissional que não são filiados a partidos políticos, desconhecem os conceitos de dialético e de ideologia e os que possuem um perfil político liberal.

Segundo Moreira (1991), nos professores de Educação Física, foi constatado que eles apresentam atitudes formais e autoritárias na relação com os alunos, vêem a Educação Física na escola como cumprimento mecânico e rigoroso de exercícios; ou seja, o corpo é como um objeto a ser melhorado em seu rendimento com as aulas estruturadas sobre o esporte competitivo e praticado no rigor das suas regras.

Darido (1994), procurou identificar quais os recursos cognitivos que têm orientado os professores de Educação Física quando se encontram na situação ensino-aprendizagem, como resolvem as situações incertas e desconhecidas, como elaboram e modificam rotinas.

A compreensão destas estruturas de conhecimentos permitiria ter acesso às rotinas dos professores, pois seria possível identificar tanto os objetivos, conteúdos e estratégias que são ignorados como os que são preferidos.

Quanto à formação curricular, os resultados dessa pesquisa mostraram que a população estudada se mostrou homogênea, retratando a tendência histórica de Educação Física voltada para o desenvolvimento de capacidades físicas e de rendimento esportivo.

Darido (2003), confirma que a formação inadequada do professor de Educação Física é quase sempre responsável pela instalação de concepções pouco esclarecidas. A prática de todo professor, mesmo que de forma pouco consciente, apóia-se em uma determinada concepção de aluno e de ensino aprendizagem que é responsável pelo tipo de representação que o professor constrói sobre o seu papel, o papel do aluno, a metodologia, a função social da escola e os conteúdos a serem trabalhados.

Os autores concluíram, que tais recursos não podem ser separados do contexto geral da Educação Física na nossa sociedade. O momento histórico da formação destes profissionais, aliado ao descaso com a questão educacional de 1º e 2º graus, configuram obstáculos para que eles se valham dos recursos científicos produzidos nas Universidades. O dia-dia do professor, com seus percalços, imprevistos, restrições de contexto, entre outros. Não é contemplado à luz das propostas teóricas. É preciso considerar o contexto como um todo e os determinantes históricos da Educação Física que ainda se impõem aos profissionais da área, a fim de que os conteúdos produzidos na Universidade sejam pertinentes à sua realidade.

De acordo com este resumo do estudo, a epistemologia dos professores de Educação Física é composta de conteúdos advindos de sua formação historicamente datada. Embora como área de conhecimento a Educação Física disponha de estudos voltados para a questão escolar, estes recursos não são procurados enquanto alternativas criativas para enfrentar os novos desafios pedagógicos. Isto é, a busca de melhoria profissional é redundante com relação à tendência vigente na época, não apresentando abertura para as tendências mais recentes da Educação Física. Os professores não parecem se preocupar com a melhoria da qualidade dos cursos através da leitura ou da frequência a cursos eles estão acomodados à situação da Educação Física na escola.

De maneira geral, os resultados destes estudos são bem pouco animadores, sugerindo que a formação do profissional de Educação Física se dá de maneira acrítica, com ênfase à formação esportiva ligada ao rendimento máximo e seleção dos mais habilidosos, e que os profissionais são formados na perspectiva do saber fazer para ensinar. Além disso, os professores se ressentiam de uma integração entre os conhecimentos produzidos pela teoria e os problemas enfrentados na prática pedagógica, e por isso não sentiam necessidade de se manterem atualizados quanto ao conhecimento produzido pela Universidade.

4.1 Teorias Pedagógicas da Educação Física

4.1.1 Tradicional – Científica

As últimas décadas, no que se refere à Educação Física, foram caracterizadas por um grande desenvolvimento em relação ao estudo do movimento humano, tendo sido sugerido por vários autores (Petersen et alii, 1991; Gobbi, 1991; Bettib, 1992; Sergio, 1992) que a ação profissional em Educação Física/ esporte deve basear-se num corpo teórico, interdisciplinar, de conhecimento que tem por objeto de estudo o ser humano em movimento.

De acordo com Betti (1991) os profissionais em Educação Física tomam consciência da necessidade de teorizar a sua prática como única alternativa para suprir a crise da área. Tani (1984), na mesma linha de raciocínio, afirmou que a pesquisa científica foi vista como uma possibilidade de romper a estagnação e provocar mudanças, ao introduzir novas informações.

Um exemplo da importância que passou a exercer este corpo teórico na área pode ser obtido da análise dos trabalhos de Edwards (citado por Lawson, 1990). Este autor verificou analisando os currículos de 240 Universidades de Educação Física, que houve decréscimo de 50% no número das disciplinas de cunho teórico-científico. O que mostra as intensas modificações nos programas de preparação profissional decorrentes da cientificação da área.

Especificamente no Brasil, no período de 1950- 1975 ocorre uma explosão no número de Faculdades de Educação Física. Para exemplificar, até 1950 funcionavam apenas dois cursos no estado de São Paulo, chegando a quase 30 no final da década de 70. Tojal (1989) afirma que, via de regra, estes cursos iniciaram suas atividades com ausência de preocupações com a produção de conhecimento e ainda hoje se mantêm desta forma. Essas instituições, reconhecidamente voltadas para a comercialização do ensino, com pouca convivência acadêmica, salas abarrotadas e bibliotecas bastante insuficientes, tinham suas propostas de ensino voltadas para o ensino dos esportes.

Discutindo o mesmo tema, Canfield (1988) ressalta que no Brasil as Faculdades ou Escolas isoladas constituem a maior parte da rede de instituições do sistema de ensino superior e por sua natureza a escola isolada é essencialmente

uma escola de formação profissional, voltada para o atendimento de uma função social específica.

Daólio (1994), discutindo a formação profissional, considera que no currículo das Faculdades que preparam os Professores de Educação Física, de maneira geral, predominam as disciplinas técnico- esportivas, levando o profissional uma falta de embasamento teórico, falta essa que impediria a transformação da prática dos professores. O autor pondera, como resultado de um estudo realizado por ele, que: “ A formação profissional eminentemente esportiva ocorridas nas décadas de 70 e 80 homogeneiza o grupo de Professores de Educação Física na medida em que passa a eles uma determinada visão a respeito de Educação Física. A prática profissional do grupo é de uma maneira ou de outra, batizada pelo esporte. Alguns professores, explicitamente, colocaram que o objetivo é ensinar habilidades esportivas a fim de selecionar os alunos mais aptos para participarem das equipes da escola.

Darido (1995) e Betti & Betti (1996) identificaram dois tipos de currículos na formação profissional de Educação Física: o tradicional esportivo e o científico. Os autores explicam que o tradicional enfatiza as chamadas disciplinas nas práticas, o saber fazer para ensinar, especialmente as habilidades esportivas, e fazem clara distinção entre teoria e prática. Referem-se à teoria como conteúdo apresentado na sala de aula (principalmente ligado ao domínio biológico) e a prática como sendo a atividade desempenhada nas quadras, piscinas, pistas e outras. De acordo com os mesmos esta é uma concepção dominante nos cursos de formação das instituições privadas.

O currículo científico, ao contrário, é empregado especialmente nas instituições públicas porque estas demandam poucos alunos por sala, bibliotecas com acervo ampliado, laboratórios de pesquisa, e principalmente professores engajados na produção do conhecimento. Assim Betti & Betti (1996) entendem o modelo científico. O modelo científico surgiu no Brasil na década de 80 e consolidou-se no início da década de 90, acompanhando as mudanças conceituais e epistemológicas da Educação Física como área de conhecimento ou ciência.

No currículo científico se valoriza as subdisciplinas da Educação Física, como Aprendizagem Motora, Fisiologia do Exercício, Biomecânica, além das disciplinas das áreas de ciências humanas, tais como História da Educação Física, Filosofia da Educação e Educação Física, Sociologia da Educação e da Educação Física e outras. Nesta perspectiva, o importante é aprender a ensinar, a para tal o

conhecimento teórico é fundamental na medida em que fornece os elementos de compreensão do processo ensino- aprendizagem.

4.1.2 Educação Física Higienista

Nessa pedagogia se dá ênfase às questões relacionadas a saúde em primeiro plano. No qual cabe a Educação Física ser um papel fundamental na formação de homens e mulheres sadios, fortes e dispostos à ação. Mais ela não se responsabiliza somente pela saúde individual das pessoas. Ela age como protagonista em um projeto de assepsia social. Para esta concepção a ginástica, o desporto, os jogos recreativos, devem antes de qualquer coisa disciplinar os hábitos das pessoas para que levem a se afastar das atividades práticas capazes de deteriorizar a saúde e que comprometeria a vida coletiva.

A Educação Física Higienista, procura se preocupar em erigir a Educação Física como um agente de saneamento público, na busca de uma sociedade limpa de doenças infecciosas e longe dos vícios deteriorados da saúde.

4.1.3 Educação Física Militarista

Nesta concepção não se deve confundir Educação Física Militarista com a Educação Física Militar, pois a militarista não se resume em uma prática militar de exercícios físicos. Ela visa impor para sociedade um comportamento estereotipado. Todavia o objetivo da Militarista é a obtenção de uma juventude capaz de suportar o combate, a luta e a guerra. A Educação Física para essa concepção deve ser suficientemente rígida para elevar a Nação à condição de servidora da pátria, e existe o processo de colaboração no processo de seleção natural em que os fracos são eliminados e os fortes são premiados.

A ginástica, o desporto, os jogos recreativos, são de extrema utilidade, fazendo com que haja à eliminação dos incapacitados físicos. A coragem, o heroísmo e a disciplina compõem a plataforma da Educação Física Militarista que por sua vez visa a formação cidadão- soldado, capaz de obedecer cegamente e de servir de exemplo para o restante da juventude pela sua bravura e coragem.

4.1.4 Educação Física Pedagogicista

É nesta concepção que irá reclamar da sociedade e necessidade de enfrentar a Educação Física não somente como uma prática capaz de promover saúde ou de disciplinar a juventude, mas vai encará-la como uma prática educativa, ou seja, ela vai advogar a educação do movimento como a única forma de promover a educação. Neste sentido é ela que deveria colaborar se os órgãos públicos a desejassem, porque assim a juventude iria melhorar sua saúde, adquirir hábitos fundamentais e também a racionalização do uso de horas de lazer, ou seja, ela está preocupada com a juventude que frequenta as escolas, porém a ginástica, a dança e desporto são instrumentos capazes de leva a juventude a aceitar as regras do convívio democrático e de prepará-las para as novas gerações.

A Educação Física, é encarada como útil e deve ser respeitada acima das lutas políticas de grupos ou classes. Assim, é capaz de promover a Educação Física do homem brasileiro, respeitando suas peculiaridades culturais, e psicológicas.

4.1.5 Educação Física Competitivista

O seu objetivo fundamental é a competitividade e da superação individual. Volta-se, então, para o atleta- herói, aquele que superou em todas as dificuldades e chegou ao *podium*.

Na Educação Física fica o desporto de alto nível, em que a prática desportiva deve ser massificada, para poder criar indivíduos capazes de presentear o país com medalhas olímpicas. São desenvolvidos treinamentos desportivos baseados em avanços da fisiologia, do esforço e da biomecânica, capazes de melhorar a técnica. Em que o sinônimo da Educação Física para esta concepção é o desporte, um sinônimo de verificação de performance.

4.1.6 Educação Física Popular

Totalmente ao contrário das concepções citadas anteriormente a Educação Física Popular não está preocupada com a saúde publica, porque ela entende que essa questão não pode ser discutida de uma problematização da organização

econômico-social e política do país. Ela também não se pretende disciplinar homens e muito menos voltada para o incentivo de busca de medalhas. Antes de tudo ela é a ludicidade e cooperação, e aí o desporto, a dança, a ginástica, que assumem um papel de organização e mobilização dos trabalhadores.

4.1.7 Pedagogia Crítico – Emancipatória

A abordagem crítico-emancipatória foi posta em discussão no Brasil por Kunz no ano de 1991, por ocasião da publicação do seu livro “Ensino e Mudanças”.

Para Kunz (1994), a teoria crítico-emancipatória busca estimular o lado observador e contestador do aluno, fazer com que ele se torne um cidadão crítico, de olhar mais crítico, que saiba analisar o que está certo e errado dentro de um contexto na sociedade e realidade em que ele vive, para que posteriormente possa auxiliar a tornar essa sociedade melhor e mais justa. Pensando nisso esta metodologia de ensino para a Educação Física propõem formar indivíduos críticos e autônomos para transformação (ou não) da realidade em que estão inseridos.

A abordagem crítico-emancipatória propõe que os temas abrangidos pela cultura corporal: jogos, esporte, ginástica, dança e Brincadeiras e jogos sejam ensinados através de estratégias didáticas em três etapas no processo pedagógico, são elas, a experimentação, aprendizagem e criação.

Dessa forma para Kunz (1994) a constituição de um processo de ensino, com os conteúdos, os métodos e os objetivos do ensino, apresenta-se as categorias: objetiva (trabalho), social (interação) e comunicativa (linguagem).que formam a mediação de conteúdos entre os alunos enquanto sujeitos em desenvolvimento a realidade do mundo.

Segundo Kunz (1994) diz que na prática, essa teoria precisa estar acompanhada de uma didática comunicativa, pois ela fundamentará a função do esclarecimento e da prevalência racional de todo agir da educação. E uma racionalidade com sentido de esclarecimento implica em uma racionalidade comunicativa.

A competência comunicativa, devemos lembrar que a linguagem verbal é apenas uma das formas de comunicação do ser humano. As crianças principalmente comunicam-se muito pelo movimentar, linguagem de movimento. O desenvolvimento

da competência comunicativa exerce um papel trivial na pedagogia crítico-emancipatória. Mas não deve ser concentrada somente nos movimentos, mas acima de tudo entendê-los, e principalmente a linguagem verbal deve ser desenvolvida. (KUNZ, 1994)

Ainda de acordo com o mesmo autor a linguagem no esporte é um bom exemplo na Educação Física, pois, esta linguagem não é apenas por meio dos movimentos mais sim pela própria fala sobre as experiências e os entendimentos do mundo dos esportes. Vendo que a fala nem sempre é utilizada nas aulas de Educação Física na maioria das vezes é excluída destas aulas, dando somente importância ao movimento, sendo que os questionada pelos próprios alunos. Pois a fala é de muita importância.

Enquanto competência social, o aluno deve adquirir conteúdos para entender as relações socioculturais do contexto em que está inserido. Além disso, deve socializar-se com todos de sua turma, sem exclusões. Daí a idéia de que as aulas de Educação Física deveriam ser co-educativas, sem discriminação alguma, seja ela de caráter social, racial, ou no caso, sexual.

Com inúmeras informações, torna-se evidente que nas aulas de educação física devemos trabalhar de vários temas como brincadeiras e jogos, esporte, dança, luta, entre outros como conteúdos visando sempre o ensino aprendizagem do aluno. Com experimentação, aprendizagem e a criação. Mantendo a interação, a comunicação e o conhecimento.

4.1.8 Pedagogia Crítico- Superadora

Para o Coletivo de autores (1992) a escola está intimamente ligada à sociedade, sendo que o currículo escolar está vinculado a um projeto político pedagógico.

Os autores apontam a Pedagogia Crítico - Superadora que busca responder a determinados interesses de classe, ou seja, explicações sobre a prática social. É nessa perspectiva que se toma algumas reflexões dando características como diagnóstica porque remete a constatação e leitura de dados da realidade, mundo em que o aluno esta inserido, a partir de uma ética da classe social e teleológica porque determina o alvo aonde se quer chegar, busca uma direção. (COLETIVO DE AUTORES, 1992)

Esta Pedagogia Crítico Superadora, enquanto reflexão pedagógica tem algumas características específicas, denominadas de Diagnóstica, Judicativa e Teleológica. Diagnóstica, uma leitura sobre a vida a realidade, de acordo com a perspectiva de classe de quem julga; Judicativa porque julga a partir de uma ética que representa o interesse de uma determinada classe social; Teleológica porque busca uma direção, um objetivo a ser alcançado, também dependendo da perspectiva de classe, pode ser conservadora ou transformadora, daquilo que foi diagnosticado e julgado. (COLETIVO DE AUTORES, 1992)

Esta Pedagogia Crítico Superadora, enquanto reflexão pedagógica tem algumas características específicas, denominadas de Diagnóstica, Judicativa e Teleológica. Diagnóstica, uma leitura sobre a vida a realidade, de acordo com a perspectiva de classe de quem julga; Judicativa porque julga a partir de uma ética que representa o interesse de uma determinada classe social; Teleológica porque busca uma direção, um objetivo a ser alcançado, também dependendo da perspectiva de classe, pode ser conservadora ou transformadora, daquilo que foi diagnosticado e julgado. (COLETIVO DE AUTORES, 1992)

Segundo o Coletivo de Autores (1992) a escola é parte que desenvolve a reflexão do aluno sobre o conhecimento. A qualidade dessa reflexão está nos métodos de ensino adotados pela escola, que é denominado eixo curricular.

“O eixo curricular delimita o que a escola pretende explicar, aos alunos e até onde a reflexão pedagógica se realiza.” (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p.27).

Segundo o livro, Coletivos de Autores (1992), os estudos sobre currículo fundamentam uma proposta para o ensino da Educação Física reconhecida como um avanço teórico, metodológico da área, a qual é informada por uma determinada concepção de currículo.

O eixo curricular delimita o que a escola pretende explicar e até onde a reflexão pedagógica se realizar. A partir dele se delinea o quadro curricular, a lista de disciplina, matérias ou atividades curriculares.

Conforme o Coletivo de Autores (1992), os conteúdos e disciplinas se vinculam à área tecnológica; ai se da prioridade ao conhecimento de técnicas, ou seja, ao ensino das técnicas. Essas explicações pedagógicas partem de uma lógica formal, uma pedagogia não crítica. Trata-se de um currículo conservador.

O currículo capaz de dar conta de uma reflexão pedagógica ampliada e comprometida com os interesses das camadas populares tem como eixo a

constatação, a interpretação, a compreensão e a explicação da realidade social complexa e contraditória. Isso vai exigir outra organização curricular, de forma a desenvolver uma outra lógica sobre a realidade, à lógica dialética, com a qual o aluno seja capaz de fazer uma outra leitura. Nesta forma de organização curricular se questiona o objeto de cada uma delas no currículo. (COLETIVOS DE AUTORES, 1992).

Sendo assim a função social do currículo é ter uma reflexão pedagógica do aluno, pensando em sua realidade social, o mundo em que vivem determinando um desenvolvimento lógico. Trabalhando com o aluno baseado em seu cotidiano, utilizando seus pensamentos, sua ideologia, suas relações sociais entre outras. (COLETIVOS DE AUTORES, 1992).

Segundo os autores do Coletivo de Autores (1992), diferentemente, a dinâmica curricular dialética favorece a formação do sujeito histórico à medida que lhe permite construir, por aproximações sucessivas, novas e diferentes referências sobre o real no seu pensamento. Permite-lhe portando, compreender como o conhecimento foi produzido historicamente pela humanidade.

Os ciclos de escolarização organizam-se em etapas de ensino, nestes ciclos os conteúdos de ensino são tratados simultaneamente, vão se ampliando no pensamento, desde o momento da constatação de um ou vários dados da realidade, até interpretá-los, compreendê-los e explicá-los.

O primeiro ciclo vai da pré-escola até a 3ª série. É o ciclo de organização da identidade dos dados da realidade.

O segundo ciclo vai da 4ª a 6ª séries. É o ciclo da iniciação a sistematização do conhecimento.

O terceiro ciclo vai da 7ª à 8ª séries. É o ciclo da ampliação da sistematização do conhecimento.

O quarto ciclo se dá na 1ª, 2ª, e 3ª séries do ensino médio. É o ciclo do aprofundamento da sistematização do conhecimento. Nele o aluno adquire uma relação especial com o objeto, que lhe permite refletir sobre ele.

Segundo o Coletivo de Autores (1992) no confronto das perspectivas da Educação Física Escolar na dinâmica curricular ela tem como objeto de estudo o desenvolvimento da aptidão física do homem, que tem contribuído historicamente para defesa dos interesses da classe no poder, mantendo a estrutura da sociedade capitalista. Assim é fundamental para essa perspectiva da prática pedagógica da

Educação Física o desenvolvimento da noção de historicidade da cultura corporal. É preciso que o aluno entenda que o homem não nasceu pulando, saltando, arremessando, balançando etc., pode-se afirmar que essa dimensão corpórea se materializa em três atividades produtivas que são linguagem, trabalho e poder.

O conhecimento que se pretende que o aluno aprenda é o exercício de atividades corporais que lhe permitam atingir o máximo rendimento de sua capacidade física.

Contemporaneamente pode afirmar que a dimensão corpórea se materializa nas três atividades produtivas da história da humanidade, linguagem, trabalho e poder.

Para os autores do Coletivo de Autores (1992), nessa perspectiva da reflexão cultural corporal, a expressão corporal é uma linguagem, um conhecimento universal, patrimônio da humanidade precisa ser transmitido e assimilado pelo que o homem e a realidade sejam entendidos dentro de uma visão de totalidade.

Na Educação Física conforme os autores do Coletivo de Autores (1992), deve se fazer uma seleção dos conteúdos, esta seleção e organização de conteúdos exige coerência com o objetivo de promover a leitura da realidade, outro aspecto é a realidade material da escola, porque a Educação Física supõe a adequação de instrumentos teóricos práticos e estes exigem ainda materiais específicos.

Na organização dos conteúdos, eles são sistematizados e distribuídos dentro de tempo pedagogicamente necessário para a sua assimilação. Para fazer a seleção dos conteúdos da Educação Física, que tem que exigir coerência com o objetivo de promover a leitura da realidade. Eles surgem de grandes temas da cultura corporal e são eles: Jogo, Esporte, Capoeira, Ginástica e Dança. O professor pode dar a ordem necessária aos interesses da turma ou também tratar deles simultaneamente. (COLETIVO DE AUTORES, 1992).

O Jogo no caso é uma invenção do homem, um ato em que sua intencionalidade e curiosidade resultam num processo criativo para modificar, imaginariamente a realidade e o presente, em cada ciclo ele é visto diferente. Quando a criança joga, ela opera com o significado das suas ações, o que a faz desenvolver sua vontade e ao mesmo tempo tornar-se consciente das suas escolhas e decisões.

O esporte como prática social que institucionaliza temas lúdicos da cultura corporal apresenta-se com códigos e significados que lhe imprime a sociedade

capitalista, o Futebol em diferentes óticas tratadas a entender que seu ensino na escola é mais do que “jogar futebol”, o atletismo, o voleibol, o basquetebol, a capoeira, a ginástica e dança, ambas diferentes também em cada ciclo de ensino.

O esporte é fenômeno social, um tema da cultura corporal, suas condições de adaptação à realidade social e cultural da comunidade que a prática, cria e recria. (COLETIVO DE AUTORES, 1992)

Como afirma os autores do Coletivo de Autores(1992), o futebol pode ser visto em vários aspectos como: um jogo com suas normas, regras, exigências físicas, técnicas e táticas; um espetáculo esportivo; um processo de trabalho que se diversifica e gera mercados específicos de atuação profissional; um jogo popularmente praticado e fenômeno cultural que inibia milhões de pessoas em todo o mundo, e em especial o Brasil.

O atletismo inclui as praticas do correr, saltar, arremessar e lançar. Essas práticas foram criadas pelo homem. O seu desenvolvimento e evolução são conseqüências da elaboração cultural. São eles: corridas, saltos, arremessos e lançamentos. (COLETIVO DE AUTORES, 1992)

Para o Coletivo de Autores (1992), o vôlei pode-se dizer que o propósito desse jogo é evitar que a bola caia no próprio campo de jogo, fazendo-a cair no campo do adversário por cima de uma rede. Eis os significados dos seus fundamentos: Saque, recepção, levantamento, ataque, bloqueio, defesa.

A modalidade do Basquetebol conforme o coletivos de autores (1992), o jogo no qual disputa-se uma bola, para atingir um alvo, que é defendido pelo adversário, utilizando-se somente as mãos para manejá-la.

Significado dos seus fundamentos: atacar, passar, driblar, arremessar e defender.

A capoeira encena em seus movimentos a luta de emancipação do negro no Brasil escravocrata. Em seus conjuntos de gestos, a capoeira expressa de forma explicita, a voz do oprimido na sua relação com o opressor. (COLETIVO DE AUTORES, 1992). A Educação Física resgatar a capoeira enquanto manifestação cultural, ou seja, trabalhar como a sua historicidade cultural e política que a gerou.

Segundo o Coletivo de Autores (1992), a ginástica, desde suas origens como a arte de exercitar o corpo nu, englobando atividades como corridas, saltos, lançamentos e lutas, tem evoluído para formas esportivas claramente influenciadas pelas diferentes culturas.

A dança considera-se, ela como uma expressão representativa de diversos aspectos da vida do homem. Pode ser uma linguagem social que permite a transmissão de sentimentos, emoções da afetividade vivida não esferas da religiosidade, do trabalho, dos costumes, hábitos, da saúde, da guerra e etc. (COLETIVO DE AUTORES, 1992).

Faz-se necessário o resgate da cultura brasileira no mundo da dança através da tematização das origens culturais, sejam do índio, do branco ou do negro, como forma de despertar a identidade social.

Sugere-se a abordagem dos fundamentos: ritmo, espaço, energia e deve ser aplicado nos vários ciclos.

4.2 Consideração Finais sobre as Abordagens

Atualmente na área da Educação Física existe várias concepções, todas elas tendo em comum à tentativa de romper o modelo anterior. Estas abordagens segundo Darido (2003), resultam em uma articulação de diferentes teorias psicológicas, sociológicas e concepções filosóficas.

Na verdade, a introdução a estas abordagens no espaço do debate da Educação Física proporcionou uma ampliação da área, tanto no que refere aos seus pressupostos pedagógicos de ensino e aprendizagem. Além disso, abarcaram-se objetivos educacionais mais amplos, e não voltados apenas para a formação de físico que pudesse sustentar a atividade intelectual, conteúdos diversificados, não só exercícios e esportes, e pressupostos pedagógicos mais humanos.

Acredita-se que ainda temos um longo caminho na busca de acordos, pelo qual somos totalmente responsáveis.

5 REFLETINDO A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Segundo Suraya (2003) os objetivos e as propostas educacionais foram e estão se modificando ao longo do século e todas essas tendências ainda hoje influenciam a formação do profissional e as práticas pedagógicas da Educação Física.

Oficialmente a inclusão da Educação Física na escola ocorreu no Brasil no século XIX, embora a preocupação estivesse voltada com a inclusão de exercícios físicos. Passando três anos após a aprovação do primário e do secundário, a disciplina que passou a ser obrigatória era a ginástica no primário e no secundário a dança. Embora houvesse uma recomendação que a ginástica era obrigatória para ambos os sexos.

Dentro a este período da história, Ghiraldelli Jr. (1998), lembra que apesar da adoção da concepção pedagógica, não houve o abandono na prática de uma Educação Física comprometida. Contudo, a proposta da escola explicita formas de pensamentos que aos poucos vão alterando as práticas de Educação Física e a postura do professor.

Betti, (1991) ressalta que no Brasil o esporte era a razão de Estado e inclusão da Educação Física/ Esporte. Na planificação estratégica do governo o esporte de alto governos militares passaram a investir pesado no esporte na tentativa de fazer a Educação Física um sustentáculo ideológico na medida em que ela participava com êxito nas competições de alto nível.

A frase mais conhecida dessa época era “esporte é saúde”. De acordo com o Coletivo de Autores (1992), a influência do esporte no sistema educacional é tão forte que não é o esporte da escola e sim, o esporte na escola, e o objetivo e os conteúdos da Educação Física escolar estabelece uma relação passando de professor- instrutor para professor- treinador. Nesta fase da história, que o rendimento, a seleção dos mais habilidosos, o fim justificando os meios está mais presentes no contexto da Educação Física na escola. O papel do professor é centralizador e a prática uma repetição mecânica dos movimentos esportivos.

O modelo esportivista, é bastante criticado pelos meios acadêmicos, embora esta concepção esteja presente na sociedade de maneira quase hegemônica.

Betti (1991), entende que a Educação Física deve ser um sistema hierárquico aberto, como por exemplo, as Secretarias de Educação, exercem um controle sobre

os sistemas inferiores, como exemplo, temos a direção da escola, e o corpo docente. É um sistema que sofre influências da sociedade como um todo e ao mesmo tempo a influencia. O alcance da especificidade, na medida em que segundo Betti (1992) a Educação Física deve integrar e introduzir o aluno no mundo da cultura física formando cidadão que vai usufruir, partilhar, produzir, reproduzir e transformar as formas culturais da atividade física (o jogo, o esporte, a dança, a luta, a ginástica).

O mesmo autor afirma que não basta só correr ao redor da quadra, é preciso saber por que está correndo, como correr, quais os benefícios da corrida, qual intensidade, qual frequência. Não basta somente aprender as habilidades motoras específicas do basquetebol, é preciso aprender a organizar-se socialmente para jogar, compreender as regras como um elemento que irá tornar o jogo possível, aprender a respeitar o adversário como um companheiro.

É preciso enfim, que o aluno seja e esteja preparado para incorporar o basquetebol e a corrida na sua vida, para deles tirar o melhor proveito possível.

Em outras palavras, citando Jesus (1989), podemos dizer que, que a escola desponta para o papel estratégico de desenvolver a capacidade de organização, tanto para tarefas individuais (a nível molecular), quanto para as sociais e culturais (a nível de massa), que a sociedade exige. Assim como a escola burguesa é essencial para reforçar a dominação de uma classe sobre as outras, a escola proletária, por outro lado, reflete uma sociedade participativa, igualitária, tornando-se igualmente essencial para mudar a estrutura do poder. A partir do momento em que começa o processo de mudança, todos os instrumentos pedagógicos, com a escola em primeiro plano, atacam o aparelho ideológico burguês com uma contra-ideologia. Com isso, agrava-se a crise da hegemonia, a classe dominante desencadeia mais ainda a sua resistência, criando-se o clima propício para a tomada final do poder. O papel do educador nessa contra-hegemonia será o de mediador entre o antigo e o novo e a ele compete realizar a síntese da história cultural antiga com a realidade presente. O verdadeiro mestre conseguirá, através da escola, transformar os homens em cidadãos que conhecem o passado, mais se integram ao presente como agente da construção de uma sociedade futura.

Na Educação Física o professor surge como mediador do conhecimento, seja da sua própria natureza ou do histórico cultural de seus alunos, para fazer de sua aula um momento de reflexão, de conscientização e de criticidade da cultura corporal do movimento.

6 CONCLUSÃO

A análise deste trabalho, relacionando sociedade- escola- esporte- escola – sociedade, apresentou problemas em que se precisa de transformações no esporte como também na escola e também da sociedade.

Não se nega o esporte e também não faço críticas ao ponto de tirar o esporte da escola. O objetivo foi levantar problematizações com objetivos de auxiliar em proposições superadoras.

Temos certeza de que este Trabalho como sendo de Conclusão de Curso, requer uma análise mais profunda e que se discuta com mais teorias, no caso foi feito um levantamento de dados históricos que mesmo assim não se pode concluir efetivamente, o motivo ou os motivos que levam os profissionais de Educação Física a trabalharem prioritariamente o conteúdo esporte em suas aulas.

Acredita-se que existe uma necessidade muito grande em se resgatar a cultura corporal, para que ao lado do esporte, caminhem junto à ginástica, a dança, as lutas, e que possam ter espaço para se aproximar no contexto das crianças e dos jovens para que eles tomem conhecimento, fazendo modificações, problematizá-las e para desenvolver da melhor maneira.

O esporte não poderá usar as crianças e jovens para serem usadas como ferramentas de mercadorias, fontes de lucro. O professor de Educação Física terá que saber organizar os jogos e competições escolares, para que aconteça a socialização e que não se torne um campo de batalha ou um espaço para poucos. Deve-se, porém ter uma participação ativa dos alunos que não seja para atingir números e muito menos propagandear empresas ou que certamente alguns saíram felizes ou tristes no final.

Verificou-se que o esporte está impregnado de valores da classe que mantém a hegemonia. Mais esse contexto está sendo combatido atualmente com as mudanças dos currículos da Graduação.

Os professores precisam repensar sua profissão e desenvolver um olhar crítico sobre os conteúdos e as práticas desenvolvidas ao longo da história. Descobrir caminhos que orientem para uma prática docente que atenda as necessidades da sociedade para formar alunos críticos e participativos. Que leve a compreensão e o uso sadio do corpo, ao invés do esporte-espetáculo. (GHIRALDELLI Junior, 2003).

A reivenção do esporte na escola nas aulas de Educação Física deverá se desenvolver no sentido de estar ligado a classe trabalhadora por uma sociedade justa e igualitária, buscando difundir outros significativos e valores.

REFERÊNCIAS

ASSIS, de Oliveira Sávio. **Reinventando o esporte**: possibilidades da prática pedagógica. Campinas SP: Autores Associados, chancela editorial do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, 2005.

BETTI, Mauro. **Educação Física e sociedade**. São Paulo: Movimento, 1991.

BRACHT, Valter. **Esporte na escola e esporte de rendimento**. In: Movimento. Ano VI, nº 12, Porto Alegre - RS: ESEF/UFRGS, 2000.

_____, **Sociologia Crítica do Esporte – Uma Introdução**, 3ª ed.. Ijuí: Ed. Unijuí, 2005

_____, **Sociologia do esporte**. 3ª ed, 2009 p. 61 a 66

_____, **Educação física e aprendizagem social**. 2ª edição p. 81 -82

CAVALCANTI, Kátia B. **Esporte para todos**: um discurso ideológico. SP:IBRASA, 1984.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

DARIDO, Suraya Cristina. **Educação física na escola, questões e reflexões**. 4ª ed. Rio de Janeiro, RJ. Editora Guanabara Koogan S.A.

FREITAS, Francisco Mauri Carvalho. **A miséria da educação física**. Campinas, SP: Papitus, 1991.

_____, **Educação: contra quem? Fundamentos pedagógicos da Educação Física**. Rio de Janeiro, RJ, 1987

JESUS, Antônio Tavares de. **Educação e Hegemonia**: no pensamento de Antonio Gramsc. São Paulo: Cortez: Campinas, SP. Editora da Universidade de Campinas, 1989.

JUNIOR, Paulo Ghiraldelli. **Educação Física Progressista**: a Pedagogia crítico-social dos conteúdos e a Educação Física Brasileira. São Paulo, SP. Edições Loyola, 8ª edição, 1998.

TURTELLI, Larissa. **Teoria e pesquisa**. Brasília, DF. v. 12, 2003.

Disponível em http://www.espacoacademico.com.br/057/57res_henrique.htm. Acesso em 05 de Abril de 2012.